

UMA IMAGEM EM CONFLITO: O índio Xucuru-Kariri em Palmeira dos Índios

Thayan Correia da Silva*

José Adelson Lopes Peixoto (Orientador)**

Resumo: Diante dos processos históricos de silenciamento e ressurgência vividos pelo povo Xucuru-Kariri, este artigo propõe uma discussão acerca das distintas visões construídas sobre a imagem do índio no município alagoano de Palmeira dos Índios. Assim, conceitos da antropologia, da história oral e da memória amparam a pesquisa bibliográfica, que tem como fontes metodológicas principais os relatos colhidos durante pesquisa de campo realizadas enquanto membro do Grupo de Pesquisa em História Indígena de Alagoas – GPHI/AL da UNEAL. Abordaremos uma temática específica a partir da visão do índio quanto à imagem e a memória produzidas, em meio a conflitos territoriais, sobre sua presença na história do município. Trata-se de uma pesquisa, que busca debater a importância da dimensão do conhecido e do desconhecido no discurso histórico produzido e difundido na região. Fundamentada em pressupostos teóricos de Laraia, Alberti, Bauman, Peixoto, Silva, Silva Júnior, Ribeiro e Moreau, que norteiam o percurso teórico e embasam o diálogo com o trabalho de campo sobre a imagem histórica do povo pesquisado.

Palavras-chaves: Identidade. Imagem. Preconceito.

O QUE NÃO CONHEÇO: considerações iniciais

Existem coisas que conhecemos outras que desconhecemos e algumas que achamos que conhecemos, tal como quando algo nos é apresentado e acabamos acreditando e tendo estas como verdades, sem nem ao menos procurarmos saber as histórias que existem por traz de cada discurso e as intenções e interesses pelas quais nos são transmitidos, criando assim, conceitos que se transfiguram em dogmas sociais.

Dizer que “não se deve jogar o livro pela capa” é uma frase banal na sociedade em que vivemos, onde se julga o outro ou a sua cultura sem nem ao menos conhecê-la. Estamos inseridos em uma sociedade de ‘rótulos’, onde se diz que todo ‘negro é pobre e favelado’; ‘árabe é terrorista’; ‘nordestino é burro’ e o ‘índio é preguiçoso’. E é de tal forma, que aprendemos ao longo da vida a rotular e a categorizar as pessoas, pela sua cor, “raça” (etnia), meio geográfico e social em que vivem. Fazemos suposições acerca de pessoas, sem ao menos as conhecer, ou ter tido qualquer espécie de contato verbal ou visual com as mesmas.

* Graduando em História pela Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL Campus III – Palmeira dos Índios, bolsista capes/CNPq Pibid, membro do Grupo de Pesquisa da História dos Povos Indígena de Alagoas e do Núcleo de Estudos Políticos, Estratégicos, Filosóficos – NEPEF. E-mail: thayan.t@hotmail.com.

** Orientado Historiador e Antropólogo. Professor Assistente na Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL, Campus III – Palmeira dos Índios. Coordenador do Grupo de Pesquisa da História dos Povos Indígenas de Alagoas. E-mail: adelsonlopes@hotmail.com

Desde pequenos ouvimos falar das histórias dos primeiros habitantes deste país e de como eles viviam, foram catequizados, subjugados e tiveram sua cultura e religião afetadas. Aprendemos na escola que eles foram escravizados e por conta de sua suposta preguiça, os portugueses os substituíram pelos negros, por estes serem mais produtivos e resistentes ao trabalho nos engenhos e lavouras.

É nesse contexto que vamos analisar as falas e imagens que se tem sobre o índio em nossa sociedade, apresentando discursos de índios e não-índios; a visão de quem apenas ouviu falar em índios e não os conhece, de quem conhece e defende a sua luta e a ótica de posseiros que ocupam indevidamente os territórios indígenas.

O LÓCUS DA PESQUISA

Palmeira dos Índios é um município do agreste alagoano, distante cerca de 134 km da capital, Maceió, fazendo divisa com o estado de Pernambuco ao norte e com a região do sertão alagoano a oeste. Sua economia é baseada na agropecuária, concentrada nas mãos de grandes latifundiários. Conhecida como a "Princesa do Sertão"¹, já teve como prefeito o notório escritor brasileiro Graciliano Ramos.

As terras do Município constituíam, em meados do século XVIII, um aldeamento dos índios Xucuru, localizado entre matas, serras, brejos e palmeirais. “Os nativos formaram seu aldeamento entre um brejo chamado Cafurna e a Serra da Boa Vista.” (TORRES, 1973, p.27). Daí acredita-se ter sido a origem do nome Palmeira dos Índios, que veio em referência aos seus primeiros habitantes e a abundância de palmeiras em seus campos.

Do ponto de vista lendário, sua origem está ligada a um casal de índios, Tilixi e Tixiliá, que viveram um amor proibido, pois a índia era prometida ao cacique Etafé. Porém, o casal se beijou durante uma festa tribal, e como punição, Tilixi foi condenado à morte por inanição. Tixiliá, proibida de ver seu amado, desobedeceu à interdição e foi ao seu encontro, sendo flagrada por Etafé, que lançou uma flecha, matando-a junto de seu amado. E no lugar onde eles morreram nasceu, uma palmeira. Que veio a dar origem à cidade. (PEIXOTO, 2013)

Além da lenda romantizada, a história do lugar também se liga ao ano de 1770, quando um padre português chamado de Frei Domingos de São José chegou ao aldeamento com a missão de converter o povo que ali vivia, e três anos depois, o religioso obteve de Dona Maria

¹ Esse título se deu em decorrência da importância econômica exercida pela cidade até os anos 60 do século XX, quando produzia algodão e as ferrovias escoavam sua produção à capital.

Pereira Gonçalves, proprietária da sesmaria de Burgos, a doação de meia légua de terras para a edificação de uma capela, dedicada ao Senhor Bom Jesus da Boa Morte. Posteriormente, o padroeiro foi substituído por Nossa Senhora do Amparo, quando da mudança de local da igreja matriz.

Em 1798, foi criada a freguesia de Palmeira dos Índios e à medida que o povoado crescia, cercas iam sendo erguidas (PEIXOTO, 2014), delimitando posses e tirando dos índios um espaço que sempre fora seu. A cerca tirou mais do que o direito ao uso livre do território, tirou o direito a um lugar de pertença. Então em 1821, foi pedido pelos índios, ao Presidente da Província das Alagoas, a doação de terras onde pudessem trabalhar. No ano seguinte, foi determinada a demarcação de terras na área compreendida entre o riacho Cabeça de Negro, atualmente Pau da Negra e as cabeceiras do Panelas.

Com a instauração da lei de terras de 1850 e iniciado o período republicano, os aldeamentos foram considerados extintos, acirrando o conflito territorial que se estende até hoje. Em cumprimento a esta lei os índios foram expulsos do vale que hoje abriga a cidade. Com essa invasão, houve uma mudança no estilo de vida dos nativos e a adoção de outras formas produção, ficando ‘invisíveis’, uma forma de resistência praticada para garantir a sobrevivência do grupo. Acerca disso Aldemir Barros da Silva Júnior diz que:

Diante desse cenário, os índios elaboraram diversas estratégias de sobrevivência, dentre elas a da invisibilidade: a perspectiva da invisibilidade correspondia a não deixar evidenciar a pertença a um grupo étnico, para não sofrer, ou minimizar, perseguições em nível local. Ela foi uma retração aparente dos índios, ou seja, um recuo estratégico ao enfrentamento aberto com a sociedade envolvente. (SILVA JÚNIOR, 2013, p.19)

Porém, ao mesmo tempo com que a invisibilidade possibilitava ao índio sua sobrevivência, fez com que o discurso do não índio acerca da inexistência de índios se fortificasse, e o que antes era questão de sobrevivência, onde eles adaptavam-se à sociedade em seu entorno, tornou-se um forte argumento nos discursos dos fazendeiros/posseiros dessas terras, servindo como um ‘fator’ descaracterizante quanto a existência dos índios.

DESCONSTRUINDO MITOS: o índio no contexto atual

O índio ‘pré-colombiano’, era considerado um ser exótico para os europeus, segundo Moreau (2003) esse conceito é uma invenção dos próprios europeus, pois segundo a corrente

teórica do evolucionismo, as sociedades estão condicionadas a três fases, a selvageria, a barbaria e a civilizatória.

Partindo destas teorias evolucionistas, onde os europeus estavam na última fase, a civilizatória, e os povos encontrados aqui na América foram classificados como selvagens bons ou ruins, criando o termo ‘O bom selvagem’ para classificar os indígenas ‘pacíficos’, e ‘bárbaros’ para os índios que não se submetiam a colonização facilmente que “[...] eram descritos com características extremamente negativas: ferozes, bárbaros e cruéis.” (ALMEIDA, 2010, p.56)

Essa imagem do índio exótico perpassou até os dias atuais, através da literatura, da música, da tv e do cinema. Onde as pessoas buscam um ser estagnando no tempo, muito primitivo, que não evoluiu culturalmente. A busca pelo exótico, que se transformou em um objeto de desejo para antropólogos. Segundo John Manuel Monteiro, essa mistificação do índio pode ser claramente percebida na historiografia brasileira, a respeito disso ele escreve:

Para os índios, ditou o visconde de Porto Seguro, autor de uma das mais importantes obras historiográficas no país, “não há história, há apenas etnografia” (Varnhagen, 1980). Pouco mudou com respeito a essa questão, desde o tempo do visconde – que escreveu nos anos de 1850 – até os dias de hoje. (Monteiro, 1999, p.239)

Quando falamos sobre a temática indígena, passam várias imagens em nossas mentes, como aquelas que nos foram postas através dos anos, na escola e na mídia, que mostram um ser primitivo, com um padrão de estatura, tipo de cabelo, cor da pele, tipo de moradia, dando-lhe um aspecto exótico.

Nessa ótica, acabamos crescendo com a ideia de um índio que não condiz com a nossa realidade, seja através dos quadrinhos do Mauricio de Sousa com seu personagem Papa-Capim (que chega a ter excesso de estereótipos), na literatura de José de Alencar, através de músicas infantis da Xuxa e cantigas populares, até mesmo para um público mais adulto como é o caso da música “Baila Comigo” cantada por Rita Lee, que são composições cercadas de estereótipos.

E na sociedade brasileira ainda existe a ideia de enquadramento por estereótipos baseados em fatores físicos e ideológicos. Algo sem lógica, já que vivemos em um país onde se tem a maior miscigenação do planeta, e nesse conceito tenta-se encaixar o índio naquele padrão de estatura, tipo de cabelo, cor da pele e moradia, a característica exótica que a literatura imortalizou.

Em vista disso, torna-se necessário desconstruir esse conceito imagético de um índio selvagem e arcaico, um ser do passado, imortalizado em uma literatura produzida em gabinete,

confrontando-o como o atual, miscigenado, desprovido de um biótipo peculiar, totalmente enquadrado no padrão físico do caboclo nordestino e sertanejo. (PEIXOTO, 2011)

Foi no Nordeste brasileiro, que se iniciou a colonização portuguesa. Devido a isso a intervenção do homem branco através da catequização sobre os povos nativos foi muito mais devastadora. O contato com europeu fez com que os índios perdessem até mesmo seu dialeto². “E o fato de não falarem correntemente uma língua materna e os vocábulos recolhidos não possuírem semelhanças com nenhuma outra língua indígena conhecida no Brasil, era um indicador negativo que impedia defini-los como “índios puros”.” (SILVA, 2008, p. 50).

No entanto, existem povos indígenas que mesmo perdendo sua língua materna, como a maioria dos índios do Nordeste, conservaram o caráter coletivo, fato este muito importante durante a segunda metade do século XX quando eclodiram movimentos de ressurgência e autoafirmação em vários estados da região. Nesse sentido Darcy Ribeiro enfatiza que:

Impressiona que essa comunidade, mesmo transfigurada racialmente, através da violência e pela mestiçagem, perdendo sua figura biológica de índios para serem predominantemente mestiçados de brancos e negros, permanece indígena, em suas mentes.

Impressionam, igualmente, os grupos indígenas que, mesmo perdendo sua língua quando submetidos ao convívio com outros grupos – como costumam fazer os missionários –, também permanecem índios. Esses casos são muito mais difíceis, é verdade, porque a perda da língua é tão violenta que dificulta a comunidade a manter sua própria unidade, seu sentimento de diferença face a um grupo externo que fala a nova língua. (RIBEIRO, 2010, p.48)

Pensando no contexto de uma sociedade miscigenada em que o índio acabou não fugindo a ‘regra’, pois se misturou com outras etnias, tomando uma nova forma e aparência. Torna-se então, necessário estabelecer uma característica³ identitária para tais povos que ao invés de perdas, passaram por remodelagens, onde a característica cultural se sobressaiu à física.

Sobre a questão de identidade, Bauman nos fornece um conceito-chave para o entendimento da vida social na era da ‘modernidade líquida’ - termo que ele cunhou para falar do esgarçamento das relações na modernidade. Pra ele, a identidade é como um jogo de quebra-cabeças, em que ambos seriam formados por peças, ou ainda, pedaços, porém, ao contrário do jogo comprado em uma loja de brinquedos, o quebra-cabeças da identidade só pode ser

² Não foram todos os povos indígenas no Nordeste que perderam seu dialeto, os índios Fulni-ô de Águas Belas no Interior de Pernambuco são os únicos considerados falantes de sua língua nativa, o Iatê.

³ Lembrando que estamos falando dos índios do Nordeste, que foram os que mais sofreram com a catequização e a mestiçagem, chegando a perder seu dialeto nativo.

compreendido, se entendido como incompleto, ao qual faltem muitas peças (e jamais se saberá quantas), enquanto um quebra-cabeça comum já pressupõe uma imagem final, onde a criança tem apenas o trabalho de unir as peças que também foram elaboradas de acordo com essa imagem final. Na identidade, o sujeito precisa unir peças de várias imagens diferentes, por vezes conflitantes, e nunca possuirá um resultado unificado e coeso. (BAUMAN, 2005).

Assim, ao estudar a identidade indígena, devemos sempre lembrar da história onde o índio aparece e desaparece várias vezes, é expulso de suas terras e desaldeado, por vezes fora forçado a se esconder e em outras usou a invisibilidade como estratégia de sobrevivência, vendendo inclusive sua força de trabalho. Mas esse processo de inserção do índio na sociedade e sua 'invisibilidade' não anulou sua identidade que pode ser caracterizada como forma de resistência, pois é a partir dela que se dará uma mobilização para o retorno à vida em Aldeia e, conseqüentemente, para a condição de usufruto da terra.

IMAGENS E CONCEITOS: será que conheço?

As imagens construídas sobre os índios são diversas, vão desde aquelas ensinadas nas escolas, veiculadas pelas mídias (televisão, filmes, literatura etc.), forjadas por antropólogos e até mesmo por políticos. A fim de entender tal problemática, foram feitas algumas entrevistas com pessoas de localidades e interesses diferentes, para perceber como o índio é visto na atualidade. Partindo dos conceitos de história oral e memória de Verena Alberti, foi proposto, em campo, o seguinte questionamento: Para você o que é índio, qual é a sua visão sobre eles?

Em entrevista realizada no dia 28 de julho de 2014, uma estudante⁴ do ensino técnico, na cidade de Palmeira dos Índios-AL, foi perguntada sobre sua visão em relação aos índios e ela respondeu que “Os índios são povos com culturas diferentes, eles vivem em tribos, seus trajes são diferentes dos nossos e sua alimentação é natural retirada diretamente da natureza.” Nessa resposta podemos constatar a ideia de um índio exótico, ser idílico das literaturas, consistindo numa tentativa de explicar algo desconhecido. Aferição que se tem propagado na mente de muita gente, atestando que o desconhecimento da história forma uma dicotomia; onde o índio atual não se encaixaria no perfil imaginário das pessoas.

Ao fazer a mesma pergunta a uma caloura da universidade, obtive a seguinte resposta: “O índio pra mim, apesar de todo o preconceito, é o personagem principal e é a alma do povo

⁴ Por motivos de preservação de imagem, os nomes de nenhum dos entrevistados não foram divulgados.

brasileiro.” É conversando com as pessoas que realmente atestamos a ignorância, quanto à imagem do índio atual, um reflexo da deficiência nos métodos de ensino presentes nas escolas, onde:

[...] de um modo geral, o índio é lembrado, afora o primeiro momento do “Descobrimento” em 1500, no início da Colonização e no rosário das datas comemorativas, no “Dia do Índio”, quando comumente as crianças das primeiras séries do Ensino Fundamental são enfeitadas a semelhança de indígenas que habitam os Estados Unidos, e estimuladas a reproduzirem seus gritos de guerra! (SILVA, 2002, p.2)

Até hoje, nos estudos da História do Brasil na educação básica, o lugar do índio nos livros didáticos é na “formação” da chamada nacionalidade brasileira. Nesse contexto, torna-se importante saber a opinião de índios; quando perguntados sobre como eles se veem e a seus pares. O primeiro entrevistado responde que: “O índio tem os mesmos valores que qualquer pessoa de outra etnia tem, mas que devido ao preconceito de muitos é visto de forma diferente talvez pela religião ou pelas terras[...]”.

Outro entrevistado falou que:

O que nos diferencia, é que temos uma cultura milenar passada de pai para filho e nós nos consideramos fortes, porque o Brasil quando foi invadido em 1500 foi aqui no Nordeste, perdemos sim. A influência do homem, através do catolicismo, fez com que perdêssemos a nossa língua, nós nos consideramos fortes porque conseguimos preservar a nossa cultura, a nossa particularidade...

Confúcio há séculos já dizia que “A natureza dos homens é a mesma, são os seus hábitos que os mantêm separados”. (CONFÚCIO *apud* LARAIA, 1986 p. 10) O índio sofreu os impactos da colonização europeia e teve sua cultura modelada a partir do padrão cristão ocidental. Como consequência disso, o índio hoje, no Nordeste, é um indivíduo fisicamente miscigenado, porém dotado de traços culturais ímpares que o definem como ser único e diferente da cultura nacional.

IMAGENS A PARTIR DO CONFLITO: índio versus posseiro

Palmeira dos Índios é marcada por conflitos territoriais; a invasão das terras indígenas e a expulsão dos nativos do vale que atualmente abriga a cidade gerou uma certa divisão de opiniões e visões, onde alguns estão do lado dos posseiros, poucos a favor da causa indígena, e outros não se manifestam, quer seja por desconhecimento ou por medo de represálias.

Com o fim dos aldeamentos durante o florescer da república os índios perderam o direito à terra. É somente em 1952, com a ajuda do marechal Candido Rondon e do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) que os Xucuru-Kariri conseguiram adquirir uma propriedade particular, a Fazenda Canto, onde foi instalada a primeira das novas aldeias daquele povo. Desse momento em diante os índios foram forçados – pelo aumento demográfico e por discordâncias familiares – a lutar pela retomada das terras as quais tinham direito, que apresentassem vestígios de seus antepassados, iniciando então um conflito que transcorre até os dias atuais.

Um discurso comum na cidade é o de que “o índio é preguiçoso, não quer trabalhar, só quer tomar as terras, mas não faz nada nelas”. Frase essa proferida principalmente no sindicato rural por proprietário de terras situadas na área de litígio em Palmeira dos Índios. Opiniões como essa, criam uma imagem errônea sobre os índios, difundida através de mídias, como o rádio, para a população em geral. Vale lembrar, que esses recursos midiáticos são controlados por famílias de posseiros das terras indígenas, criando um clima ainda maior de tensão. Um posseiro ao ser perguntado sobre a situação de ‘suas’ terras responde que:

Acabou-se, terra por aqui não tem mais valor, terra antes que valia 6 ou 7 mil, agora e só 1 mil reais. E ninguém que comprar, e a FUNAI quer tomar tudo e pagar com 10, 15 anos. Aí, agora tão com uma proposta pra gente escolher outras terras no mesmo valor, em outro lugar, mas ninguém que vender pra ser pago com 10, 15 anos. É muito tempo! Agora, por exemplo, se vendesse hoje e pagassem amanhã, a gente vendia. Agora eles querem terras mais não trabalham, quando vocês chegarem na aldeia vão ver, não tem um índio trabalhando. Aqui não tem fazendeiro, aqui só tem famílias que tem o seu pra sobreviver e duas, três tarefas de terra pra plantar uma banana, uma macaxeira, batata..., e essas famílias vão pra onde? O governo tem que ver isso né! E outra, nós temos escritura, escrituras com mais de 100 anos! Aqui ninguém e posseiro não! Porque a FUNAI é assim, chega e diz isso aqui é meu, daqui a 10, 15 anos isso aqui também é meu, e é assim é!? Se é assim, é muito bom né! Eu acho assim, se você comprou essa terra, tem escritura dizendo que a terra é sua e você paga imposto, a terra é sua! São quinhentas famílias, que vão ser desapropriada!

Os posseiros de grandes áreas propagam tal discurso na intenção de convencer os pequenos proprietários de que irão perder suas terras e ficarão sem ter para onde ir. Porém, a FUNAI propõe que estes escolham uma nova terra com as mesmas características da anterior, em um local que não esteja na área de litígio, para assim não os prejudicar, diferentemente do que ocorre com grandes latifundiários para os quais a FUNAI pagará somente as benfeitorias. De tal forma, fazem com que os pequenos produtores continuem desconhecendo seus direitos, para assim ficarem ao seu lado na luta contra a demarcação.

Em 2003, o então deputado estadual Gervásio Raimundo (PTB), decidiu ser ferrenho em sua luta contra os índios, após perder uma fazenda de 35 hectares para os Xucuru-Kariri, apresentando um Projeto de Lei na Assembleia Legislativa, no qual propôs a redução do nome de sua cidade. "Meu projeto estabelece que Palmeira dos Índios será só Palmeira, por que

lá não é terra de índio. É de homens, empresários, comerciantes, fazendeiros e gente trabalhadora que fazem o progresso da região".

Ele foi enfático ao dizer que não admitiria que 'sua' cidade continuasse com o nome de Palmeira dos Índios, pois segundo ele "Palmeira é de todos! É de gente de bem e trabalhadora", para ele os índios "[...] são preguiçosos, só vivem bebendo cachaça e a fazenda que praticamente me tomaram vive lá abandonada sem produção alguma". (O Jornal-07/11/2003 *apud* Povos Indígenas no Brasil).

Em 2013, um movimento intitulado 'Palmeira para Todos', formado por políticos, sindicatos e associações foi organizado como forma de protesto para solicitar ao governo federal que o processo seja revisto e modificado. Mas publicamente o grupo alega que não é contrário aos indígenas e que estão ali como mediadores entre a sociedade, autoridades, produtores e indígenas.

Desde então, aconteceram diversas passeatas e atos públicos de ambos os lados. Surgindo inclusive ameaças de morte e prisões de índios, fatos que vem acirrando o conflito e dividindo opiniões contra e a favor da demarcação. Em depoimento um índio fala que:

Hoje em pleno século XXI, ainda sofremos preconceitos e a discriminação, principalmente aqui, onde o trabalho de demarcação de terras dos Xucuru-Kariri, foi impedido pelos nossos governantes.

Assim como Jesus foi perseguido, onde nasceu, e muitos não gostavam dele, faço essa comparação, são os índios, que a muito tempo somos perseguidos.

Nisto, percebemos como o índio sente-se em relação a imagem dele criada na mente de quem não o conhece; muitos acabam falando sobre os conflitos territoriais sem ter conhecimento suficiente e acabam interpretando de forma errada e distorcida a realidade. Antes de falar qualquer coisa sobre determinado tema, deve-se estudar para não 'jugar o livro pela capa'. O posseiro que diz ter escrituras de terras com mais de 100 anos, esquece de que o índio vive aqui há mais de 500 anos, e quem fez as escrituras foi o homem branco, que expulsou à força os nativos das suas terras.

SEM MAIS DELONGAS: considerações finais

Por não conhecer sobre a essência da cultura indígena, muitas pessoas incorrem no erro de se deixar cooptar pelas elites locais e colaboram para a formação de uma imagem errônea e pouco representativa dos Xucuru-Kariri; evidenciamos assim que o conflito sai de um plano puramente físico para o imagético, influenciando para a construção de uma dicotomia,

onde os índios são tratados, ora como lenda (por motivos comerciais), ora como inimigos e arruaceiros.

Os discursos dos não índios, em especial os dos posseiros, revelam pensamentos pífios e elitistas que pouco se baseiam na realidade, onde o dito é apenas resultado da falta de conhecimento sobre os dramas e dilemas dos povos indígenas brasileiros. Com a intenção de denegrir a imagem dos índios em nossa sociedade, seus opositores lançam mão de recursos variados para engendrar ódio na população que se vê em meio ao fogo cruzado, gerado pelo conflito causado pela ideia de demarcação.

Enfim, existem várias coisas a serem aprendidas sobre o conflito territorial existente em Palmeira dos Índios. Devemos ter em mente que essas tensões, são reflexos dos problemas nacionais e de uma história construída sobre os túmulos dos índios que aqui viveram, ossos de um passado ainda presente e que podem influenciar decisivamente no que ainda poderemos conhecer.

REFERÊNCIAS

Artigos

PEIXOTO, José Adelson Lopes. **O Visível E O Dizível: A Imagem Do Povo Xucuru-Kariri Sobre Palmeira Dos Índios**, 2011(não publicado).

SILVA, Edson Hely. **História, memórias e identidade entre os Xukuru do Ororubá**. Revista Tellus. Campo Grande, UCDB, nº 12, 2007

SILVA, Edson Hely. **POVOS INDÍGENAS E ENSINO DE HISTÓRIA**: subsídios para a abordagem da temática indígena em sala de aula. In: História & Ensino. Revista do Laboratório de Ensino de História da UEL. Londrina, v.8, p.45-62, out.2002).

Capítulo de Livro

MONTEIRO, John Manoel. **Armas e Armadilhas**: história e resistência dos índios. In NOVAES, Adauto (org). **A outra margem do ocidente**. São Paulo, Companhia da Letras, 1999.

Dissertação ou Tese

PEIXOTO, José Adelson Lopes. **Imagens e memórias em confronto**: os Xucuru-Kariri nos acervos de Luiz Torres e Lenoir Tibiriçá. Dissertação de Mestrado em Antropologia. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2013.

SILVA, Edson Hely. **Xucuru**: memórias e história dos índios da Serra do Ororubá (Pesqueira/PE), 1959-1988. Tese de Doutorado. Campinas SP: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2008.

Livros

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Os índios na história do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

BARROS, Ivan de. **Etnia tribal Xukuru-Kariri: e a formação de Palmeira dos Índios**. Olinda-PE: Editora do autor, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 11ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

MOREAU, Felipe Eduardo. **Os Índios nas cartas de Nobrega e Anchieta**. Annablume, São Paulo, 2003.

RIBEIRO, Darcy. **Falando dos índios**. Apresentação Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro; Brasília, DF: Editora UnB, 2010.

SILVA JÚNIOR, Aldemir Barros da. **Aldeando Sentidos: os Xucuru-Kariri e o serviço de proteção aos índios no agreste alagoano**. Maceió: EDUFAL 2013. (Índios do Nordeste: temas e problemas, v. 15)

TORRES, Luiz B., **Apresentação IN: ANTUNES, Clovis. Wakona-Kariri-Xukuru: aspectos Sócio-antropológicos dos remanescentes indígenas de Alagoas**. Universidade Federal de Alagoas: Imprensa universitária, 1973.

Site ou blog

Povos Indígenas no Brasil, disponível em:

<<http://pib.socioambiental.org/pt/noticias?id=10174>> acesso em 22 de dezembro de 2014